



APRESENTAÇÃO

Tainah Biela Dias*

Escrever um texto acadêmico é parte do processo de inserir novas ideias no rol de disputas discursivas sobre temas que circundam a academia. Neste sentido, o próprio fazer acadêmico – e essa afirmação se intensifica quando nos referimos àquilo que é produzido na grande área de ciências humanas – tem – ou deveria ter – por princípio, a recusa de verdades absolutas. Novas leituras, novos olhares, novas perspectivas sobre um mesmo tema surgem a todo o momento, e se inscrevem na história dos saberes e sabores proporcionados pela pesquisa acadêmica. Neste inesgotável processo, questionamentos surgem mesmo a respeito de pressupostos tidos como verdadeiros há séculos – ou pressupostos que instituições específicas querem nos fazer crer que sejam verdadeiros e inquestionáveis. Dentre essas instituições que produzem e reproduzem verdades, os grupos religiosos ocupam lugar privilegiado.

Quando nos referimos, especificamente, aos cristianismos e seu papel na história do ocidente, percebemos seu protagonismo na forma como concebemos divindades, na forma como lemos textos tidos como sagrados, na forma como compreendemos religiosidade e espiritualidade. Em suma, elementos do cristianismo permeiam os cenários socioculturais e influenciam na forma como nos relacionamos com o sagrado. Entretanto, a pesquisa acadêmica nos permite questionar pressupostos básicos e aparentemente inquestionáveis. Por que, por exemplo, assumimos a existência de somente um Deus na tradição cristã? E por que o concebemos como uma figura masculina? Por que se

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC). Membro do Grupo de Pesquisa de Gênero e Religião Mandrágora/NETMAL.

convencionou que a Bíblia, enquanto texto sagrado da tradição cristã, deve ser lida de uma forma e não de outra? E por que é instrumento privilegiado para o exercício da dominação de uns sobre outros? Tais questionamentos permeiam os textos que permitiram a construção deste volume da Revista Mandrágora.

Christoph Uehlinger inaugura este número com o texto intitulado “Experiências incômodas para Javé? Deusas no mundo do Antigo Israel e arredores”. Apresenta evidências históricas e arqueológicas que atestam a existência de divindades femininas no mundo antigo de Israel, deusas estas que dividiram espaço com Javé entre seus/as adoradores/as no Sul do Levante. Dentre essas, Uehlinger enfatiza a existência de Aserá, assim como o processo sócio-histórico que fez com que Javé, em determinado momento, se sobrepusesse a esta e outras divindades femininas por meio da defesa de concepções exclusivistas, inclusive relacionadas a questões de gênero, apregoadas por grupos de elite do primeiro milênio aEC (antes da Era Cristã). O argumento de Uehlinger se desenvolve no sentido de demonstrar como estes processos têm influência na forma como o ocidente concebe “Deus”.

A forma como vemos “Deus” e outros aspectos característicos da tradição cristã ocidental são construídos por meio de uma retórica da superioridade, que se desenvolve ao longo da história de Israel e estabelece as bases para a produção teológica posterior. Este é o tema trabalhado por Fabrício Veliq e Karen de Souza Colares em “A retórica da superioridade e sua relação com as propostas de Jacques Dupuis para o diálogo inter-religioso pelo viés pneumatológico”. Os autores demonstram como a retórica da superioridade é empregada tanto para justificar estruturas patriarcais, quanto também fazem parte da proposta da teologia cristã. Apontam tal retórica como um desafio ao diálogo inter-religioso e defendem o abandono desta perspectiva de superioridade como forma de aprofundar o diálogo entre o cristianismo e outras tradições religiosas.

“Vozes da Basileia: o Reino de Deus como kerigma feminino no Evangelho lucano”, de Danilo Dourado Guerra, acompanha a proposta de novas hermenêuticas para a leitura dos textos bíblicos. O diálogo com hermenêuticas feministas se faz pela argumentação de que há



uma ruptura com o androcentrismo da época no Evangelho de Lucas, quando do anúncio do Reino de Deus por discípulas do sexo feminino. Concebe o kerigma feminino da *basileia* como elemento que permite desafiar as políticas de interpretação marcadas em termos de gênero, e como elemento que deu voz às mulheres seguidoras de Jesus em detrimento de políticas de silenciamento e ocultamento das mulheres predominantes em seu tempo.

A temática do ocultamento das mulheres segue nas reflexões de Perla Cabral Duarte Doneda, em seu artigo sobre “‘As mulheres’ nos documentos do Papa João Paulo II: um modelo assimétrico ainda não superado”. A autora apresenta documentos do supracitado pontífice a fim de analisar as representações sociais de gênero que são invocadas pela Igreja Católica com o intuito de estabelecer um modelo de feminilidade baseado em Maria, de forma a enfatizar que a vocação das mulheres se realiza na maternidade, no casamento ou na vivência enquanto mulher virgem e cuidadora. Desta forma, o texto se constrói demonstrando como documentos oficiais da Igreja perpetuam lógicas de dominação sobre os corpos das mulheres, desde a rejeição do sacerdócio feminino até o estabelecimento de um *gênio feminino*.

O livro resenhado neste número da Revista Mandrágora é “A culpa é de Eva?” de Lara Paiva. A resenhista, Janaina de Fátima Zdebskyi, traz os aspectos principais da obra, perpassando os argumentos utilizados pela autora ao longo dos capítulos, como a existência de diferentes deusas e mulheres no Novo Testamento e em evangelhos apócrifos, de forma a desconstruir a culpabilização de Eva, discurso característico de segmentos religiosos cristãos conservadores.

O presente número da revista Mandrágora conta, também, com um dossiê dedicado aos entrelaçamentos entre Religião e Política, publicado originalmente no periódico francês especializado em estudo feministas, o “Cahiers du Genre”. A apresentação deste dossiê é de Naira Pinheiro dos Santos, que também coordenou os trabalhos visando a sua publicação em português na revista Mandrágora.

Desejamos a tod@s uma excelente leitura!